

“Nada é impossível de mudar”: juventude, participação política e o caso da militância juvenil na eleição para prefeito do Rio de Janeiro em 2012

Ana Beatriz Pinheiro e Silva¹

Resumo

Este trabalho visa identificar e analisar o processo de envolvimento e mobilização da juventude que se engajou na eleição à Prefeitura do Rio de Janeiro em 2012, articulando com a temática da juventude, cidadania e participação política. A escolha do objeto de estudo se deu a partir da hipótese de que o citado pleito contou com uma participação quantitativa maior e qualitativamente diferenciada da juventude, em comparação às eleições anteriores recentes. Parte-se do pressuposto de que a participação política da juventude na atualidade ocorre de diferentes formas e é fundamental articular essas questões com a análise do Estado e suas instituições, as dimensões políticas dessa participação na esfera pública e como os jovens vêm mobilizando novos sentidos e discursos.

Palavras chave: juventude; participação política; cidadania; eleições; Rio de Janeiro.

Abstract

This paper, encompassed in the theme of youth and political participation, aims at identifying and analyzing the process of involvement and mobilization of the youth who engaged in the election for mayor of Rio de Janeiro in 2012. The choice of the object of study was made on the assumption that the mentioned election featured a greater quantitatively participation and, also, a qualitatively differentiated youth; when compared to previous recent elections. This is on the assumption that the political participation of youth nowadays takes different forms. This paper aims at analyzing the new configurations of political participation of these young people who, despite not being connected to any political party, engaged heavily in this movement.

Keywords: Youth , Political Participation , Engagement , Elections , Rio de Janeiro

¹ Bacharel e licenciada em Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense; mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Área de pesquisa: Juventude e Participação Política.

1. Introdução

Este artigo² visa identificar e analisar o processo de envolvimento e mobilização dos jovens que se engajaram na eleição à Prefeitura do Rio de Janeiro em 2012, articulando com a temática da juventude³, cidadania e participação política⁴.

² Este artigo faz parte da minha pesquisa de mestrado, ainda em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sob orientação da Profa. Elisa Guaraná de Castro e coorientação do Prof. Marco Perruso.

³ Convém destacar o caráter polissêmico da categoria “juventude”. A concepção aqui reivindicada tem como base a definição de Abramo, exemplificada na seguinte citação: “A noção mais geral e usual do termo juventude, se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como período destacado, ou seja, aparece como categoria com visibilidade social” (ABRAMO, 1994).

⁴ Neste trabalho, utilizei a concepção de “participação política” semelhante à usada por Giacomo Sani em verbete no Dicionário de Política: “Na terminologia corrente da ciência política, a expressão Participação Política é geralmente usada para designar uma variada série de atividades: o ato do voto, a militância num partido político, a participação em manifestações, a contribuição

A escolha do objeto de estudo se deu a partir da hipótese de que o citado pleito contou com uma participação quantitativa maior e qualitativamente diferenciada da juventude, em comparação às eleições anteriores recentes. O fenômeno de engajamento dos jovens durante os meses da campanha eleitoral foi na contramão das teses — tão presentes no senso comum, mas não somente — que afirmam que a juventude se interessa pouco pelas questões políticas da nossa sociedade e não tem participado de campanhas para eleições dos representantes municipais, estaduais e federais.

Durante a campanha eleitoral de 2012, a candidatura do deputado estadual Marcelo Freixo (Partido Socialismo e Liberdade – PSOL) a prefeito

para uma certa agremiação política, a discussão de acontecimentos políticos, a participação num comício ou numa reunião de seção, o apoio a um determinado candidato no decorrer de uma campanha eleitoral, a pressão exercida sobre um dirigente político, a difusão de informações políticas e por aí além. É fácil de ver que tal uso da expressão reflete praxes, orientações e processos típicos das democracias ocidentais” (SANI. In “Bobbio; Matteucci; Pasquino, 2004).

da cidade do Rio de Janeiro mobilizou diversos segmentos da juventude — estudantes secundaristas, universitários, artistas e jovens ligados a movimentos ecológicos e culturais — na sua campanha⁵. Foram criados vários comitês nos bairros da cidade, majoritariamente compostos por jovens não filiados a partidos políticos que sequer tinham um histórico de militância, além de muitas redes de apoio, principalmente por meio das ferramentas da internet como Facebook e Youtube. O episódio mais emblemático do protagonismo da juventude foi a “Assembleia de Jovens com Freixo”, no dia 16 de agosto, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI). O evento tinha como intenção lotar o auditório, no entanto, terminou por reunir cerca de 3 mil jovens, que, não cabendo na ABI, reuniram-se em plena Cinelândia, no Centro do Rio de Janeiro⁶, palco

⁵ Cabe destacar que a referida campanha contou com o slogan “Sou jovem e fecho com Freixo”, específico para a juventude.

⁶ Informações disponíveis em: <http://odia.ig.com.br/portal/brasil/elei%C3%A7%C3%B5es-2012/freixo-re%C3%BAnemultid%C3%A3o-na-cinel%C3%A2ndia-1.477462>

tradicional de importantes manifestações durante o século XX.

Esse fenômeno foi divulgado pela campanha como “Primavera Carioca”, em alusão à “Primavera Árabe”, em que uma onda de manifestações e protestos chegou a derrubar três chefes de Estado no Oriente Médio e no Norte da África, no final de 2010 e início de 2011, e que contou com grande participação dos jovens daqueles países. Também foi utilizado pela campanha o slogan “Nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar”, trecho de um poema de Bertold Brecht em que podia observar pela cidade diversas pessoas usando blusas, bolsas e bottons com a frase⁷.

Cabe destacar, ainda, que parte desses jovens continuou se organizando, enquanto grupo nas redes so-

e <http://extra.globo.com/noticias/extra-extra/marcelo-freixo-realiza-encontro-de-campanha-na-cinelandia-5811222.html>. Acesso em: 15 jan. 2013.

⁷ Fonte: <http://www.marcelofreixo50.com.br/noticias/514-marcelo-e-a-juventude-um-caso-antigo-de-amor-a-causa.html>.

ciais e em outras mobilizações — mesmo depois de transcorridos mais de um ano após as eleições e a derrota nas urnas do candidato — no que se refere a questões significativas para a cidade do Rio de Janeiro, como por exemplo as mobilizações contra o aumento das passagens⁸, as transformações do espaço público urbano e a destruição do patrimônio trazidas pelas obras para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016⁹.

⁸ As mobilizações contra o aumento das passagens no Rio de Janeiro foram organizadas pelo “Fórum de lutas contra o aumento das passagens”, um movimento social composto principalmente por estudantes. No mês de junho de 2013, as manifestações organizadas por esse movimento foram duramente reprimidas pela polícia, o que fez com que, a cada ato, o número de manifestantes aumentasse ainda mais. Até que finalmente o valor das passagens abaixou e o movimento teve seu ponto culminante em uma manifestação com mais de 1 milhão de pessoas na Avenida Presidente Vargas, principal avenida do Centro do Rio de Janeiro, o que não ocorria há pelo menos 20 anos. As manifestações ainda continuam e agregaram outras pautas como a Comissão Parlamentar de Inquéritos (CPI) dos ônibus. Com o crescimento desse movimento, várias outras manifestações ganharam força, tal como o “Fora Cabral”, pedindo a saída do governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral.

⁹ As mobilizações em torno dos problemas trazidos pela Copa de 2014 e as Olimpíadas 2016 — como as remoções de comunidades, privatização do estádio Maracanã, destruição de patrimônio público e gastos excessivos com esses eventos — foram principalmente organizadas pelo “Comitê Popular Copa e Olimpíadas”. Esse é um movimen-

Alguns comitês foram transformados em núcleos de base do PSOL, divididos por regiões ou por temas de atuação, e muitos jovens que participaram da campanha eleitoral acabaram se integrando a um desses núcleos; outros se afastaram do espaço partidário, mas continuaram atuando em movimentos sociais.

No mês de março de 2013, foi realizada a plenária “Nada deve deter a primavera carioca”, que fez um balanço do movimento “Primavera Carioca” nas eleições de 2012, apontando novas perspectivas, como os movimentos que estão atuando no Rio de Janeiro pelo debate e a construção de um projeto de cidade e a articulação entre esses diversos movimentos¹⁰.

to composto por organizações e lideranças populares que discutem estratégias para enfrentar o modelo excludente de política urbana implementada no Rio de Janeiro, motivada pela construção de imagem de cidade global para os chamados Megaeventos Esportivos. Fonte: <http://comitepopulario.wordpress.com/>. Acesso em: 14 ago. 2013.

¹⁰ As minhas observações durante a campanha eleitoral se deram principalmente através do Facebook, das mídias oficiais do partido e das notícias de jornais. No final da campanha e no momento pós-campanha comecei a definir a ideia do projeto de pesquisa e comecei a fazer

É importante destacar que, apesar desses jovens não serem filiados ao PSOL, eles têm uma identificação clara com o partido, com o candidato Marcelo Freixo, com a campanha, o programa e a ideologia política. Juventude é uma categoria histórica e plural, e nesta pesquisa os jovens da chamada “Primavera Carioca” da eleição de 2012 participaram de uma mobilização e de um engajamento específicos dentre as tantas formas possíveis.

2. Considerações sobre o conceito de juventude

Juventude é um conceito recente, e sua percepção como categoria social ganhou força em meados do século XX, e serviu muitas vezes para simbolizar uma categoria sempre disposta a questionar os valores sociais e a sociedade de modo geral, simbolizando o rebelde, o novo e outras ca-

observações participando das atividades do partido e das mobilizações de rua.

racterísticas similares. A juventude não é uma categoria estática e está sempre ligada ao contexto histórico e social do seu tempo, está sempre se renovando.

Historicamente, a juventude é um fenômeno típico da sociedade moderna. Nas sociedades “tradicionais”, a passagem da infância para a vida adulta se dava muitas vezes sem períodos de transição. Com o advento das sociedades modernas, com a mudança da sociedade agrária para a sociedade urbana/industrial no século XIX, abre-se o conceito de juventude como uma fase de transição, efeito da maior longevidade da população urbana, mas sem limites precisos e nem demarcada por nenhum ritual social (CATANI e GILIOLI, 2008: 15).

A definição da infância e da juventude, como fases particulares da vida, vai além da construção cultural com o processo de escolarização das crianças populares. A partir de fins do século XIX, torna-se também uma categoria administrativa e, ainda, jurídica

ca e institucional, mesmo que continue abrigando fortes diferenças sociais em seu interior (PERALVA, 1997).

O marco da sociologia da juventude se dá na década de 1920, nos EUA, com a Escola de Chicago, que privilegiou a investigação das disfunções ou anomia para compreender condutas juvenis próximas da delinquência ou do crime, muitas vezes articulados em grupos/gangues. Após a Segunda Guerra Mundial, novas orientações romperam com essa tradição e enfatizaram o potencial contestador e rebelde nos segmentos juvenis, em especial na participação estudantil ou suas práticas culturais (SPPOSITO, 2000).

Karl Mannheim (1968) se destaca pela preocupação central com o potencial de mudança social da juventude e de transformação da sociedade. Porém, o exame da condição juvenil como problema social não deixou de preocupar vários setores sociais e a produção acadêmica (SPPOSITO, 2000).

No sentido de situar as produções sobre juventude no Brasil, os clássicos estudos da Sociologia da Juventude têm como alicerce as produções de Marialice Foracchi, que concentrou suas análises em torno da participação da juventude no movimento estudantil e em partidos políticos das décadas de 1960 e 1970. Durante os anos 1980, o tema “juventude” perdeu visibilidade, e as questões da infância e adolescência passaram a ter destaque.

O próprio termo “juventude” suscita debates e, segundo Sposito (1997), encerra um problema sociológico passível de investigação, já que os critérios que a constituem como sujeito são históricos e culturais. A autora diz que, apesar de um reconhecimento na maior parte das análises em torno da condição de transitoriedade como elemento para a definição do jovem, outros elementos como o modo como se dá essa passagem, sua duração, e características têm variado.

Em “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”, Bourdieu (1983) já dizia que as divisões entre as idades são arbitrárias, pois este é um objeto de disputa presente em todas as sociedades. Essas divisões etárias variam e são objeto de manipulações. O autor atenta para as diferenças entre as juventudes, chamando atenção para as suas diversas condições de vida.

Para Castro (2009), é central o debate sobre a categoria “juventude”, em meio a tantas definições, concepções e, até mesmo, formas de atuação do poder público. A autora alerta que a categoria tende a ser substantivada e adjetivada, desconsiderando a busca da autopercepção e formação de identidades dos “jovens”.

Segundo Carrano (2000), é bastante comum que a categoria “juventude” seja definida por critérios relacionados com a cronologia etária, imaturidade psicológica e irresponsabilidade. Ele observa que seria mais adequado “compreender a juventude como uma complexidade variável, que

se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais” (CARRANO, 2000: 12). Para Carrano, na sociedade contemporânea ser jovem não é somente uma condição biológica, mas uma maneira de definição cultural.

Abramo e Venturi (2000) dividem em duas ideias básicas as concepções de juventude:

a primeira consiste em considerá-la uma fase de passagem no ciclo da vida, situada entre o período de dependência, que caracteriza a infância, e a posterior autonomia adulta. A segunda é a que atribui aos jovens uma predisposição natural para a rebeldia, como se fossem portadores de uma essência revolucionária.

A concepção de juventude como passagem, segundo esses autores, parte do reconhecimento de que se trata de um período de transformações, logo, de buscas e definições de identidade, de valores e ideias, de modos de se comportar e agir. Um momento de instabilidade, de intensidade, arrojamento, turbulência e descaminhos, ugerindo que tal mo-

mento de transição deva ser centrado na preparação da vida futura, em especial com a formação escolar, para garantir uma adequada inserção social (ABRAMO e VENTURI, 2000).

Especialmente na tradição da esquerda, criou-se uma forte relação entre a ausência de compromissos sociais com uma maior disponibilidade dos jovens para atuação nas questões culturais e políticas (ABRAMO e VENTURI, 2000), o que foi sublinhado na citação a seguir:

Assim, a juventude passou a ser definida como essencialmente rebelde, revolucionária, sempre pronta a propor utopias transformadoras — concepção já presente no início do século XIX, que se renova e se consolida nos anos 60 deste século, com a mobilização juvenil, de dimensão internacional. Expressa nas imagens do hippie em comunidades alternativas ou do estudante em passeata (ABRAMO e VENTURI, 2000).

Para Abramo e Venturi (2000), essas concepções são insuficientes para fazer qualquer diagnóstico ou consideração sobre os jovens no Brasil de hoje. A maioria deles tem obrigações e compromissos de ordem

econômica e familiar por não terem condições de se livrar destes, como destaca a passagem que se segue:

Os dramas, riscos e desvios tomam o primeiro plano da caracterização, cunhando a imagem de um jovem ora como vítima, ora como produtor de gravíssimos problemas sociais: as drogas, o crime, a prostituição, a gravidez precoce, a violência das gangues etc.

Assim, para esses autores, não se pode dizer que o que caracteriza a situação juvenil nas áreas metropolitanas brasileiras hoje é a condição de estudante. Por outro lado, não é possível dizer que o trabalho apareça somente como negação dessa condição.

A partir dos anos 1980 foi possível notar o enfraquecimento dos atores estudantis e da juventude na cena política. Os modelos de atuação política das décadas anteriores são considerados referência, e as outras manifestações políticas ainda não consideradas formas de militância (ABRAMO, 1997). Hoje se tem a impressão de que a atual geração dos

jovens parece estar em um polo oposto, se comparada a das décadas de 1960 e 1970, com relação à postura rebelde e revolucionária e ao compromisso político (ABRAMO e VENTURI, 2000), como se depreende na passagem abaixo:

Parte das análises, cujo modelo simbólico muitas vezes está radicado em 1968, reconhece o arrefecimento do movimento estudantil que atinge grande parcela dos atuais alunos do ensino superior e médio, mas não considera o quadro de crise das formas tradicionais de ação no sistema político institucional que atinge o conjunto da sociedade. Essa crise anuncia, há alguns anos, processos de mutação que projetariam outras relações com o campo da política, imprimindo novos significados à própria noção de participação ou de militância política (SPOSITO, 2000:78).

Sposito (2000) cita pesquisas realizadas em países europeus na década de 1990, que confirmam a tendência de afastamento dos jovens dos sindicatos (mas não sua negação), a desconfiança em relação aos partidos políticos (mas o reconhecimento de um interesse) e a busca de uma política sem rótulos tradicionais.

Abramo observa a constante preocupação de diferentes atores políticos com a juventude, mas assinala que é uma preocupação mais relacionada ao afastamento dos jovens dos espaços e canais de participação política, preocupados com a renovação no interior dessas organizações, do que uma preocupação em tratar e incorporar temas levantados pelos próprios jovens (ABRAMO, 1997).

Segundo Ribeiro (2004), a política é uma área não energizada em nosso tempo, e a novidade tem vindo de fora dela. Para ele, a novidade vem, sobretudo, dos movimentos sociais e da indignação ética, como explicita o texto abaixo:

A ecologia é um dos grandes exemplos dessa indignação moral. Ela implica nos preocuparmos com mais do que a humanidade. Está levando a redefinir os direitos, e mesmo os direitos humanos (...). O cerne da simpatia pelas ONGs se deve ao fator ético que sentimos estar presente numa ação voluntária em proveito de pessoas carentes (RIBEIRO, 2004: 29-30).

O essencial hoje não é passar da inconsciência política para a consciência política, e sim o fato de que a política se alimenta da novidade. O decisivo hoje não é o ponto de chegada, mas o ponto de partida (RIBEIRO, 2004).

Lechner (1990) acrescenta que o desencanto atual se refere ao estilo gerencial-tecnocrático de se fazer política. Não é exatamente um desencanto com a política, e sim com o modo de se fazer política e criar uma identidade coletiva.

A pesquisa realizada pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo ressalta “um grau de auto-organização e mobilização em torno de atividades culturais e de lazer que, embora minoritário, supera a participação em atividades de cunho político, pelos diferentes canais institucionais disponíveis”. Além disso, a pesquisa sugere que não são os jovens que não sabem a relevância da política, “mas antes a forma predominante de se fazer política no país que

não os reconhece como interlocutores, gerando em muitos deles indiferença e aversão” (ABRAMO e VENTURI, 2000).

Ao mesmo tempo em que a juventude dos anos 1990 se afastou de uma militância mais institucionalizada, ocorre o aumento em outros tipos de ações coletivas, o que fica claro na passagem a seguir:

Os(as) jovens brasileiros(as) têm emitido sinais, mais ou menos visíveis, da negação frente a formas tradicionais de participação, tais como as que se expressam pela filiação a partidos, sindicatos e organizações estudantis. No entanto, ações coletivas juvenis deixam de ser notadas ou valorizadas devido ao caráter descontínuo, tópico e muito frequentemente desprovido de ideologias facilmente reconhecidas — esquerda e direita, por exemplo — do qual se revestem. Entretanto, as novas formas e temas pelos quais os(as) jovens se mobilizam na esfera pública também indicam o quadro de crise das formas tradicionais de participação e socialização política (Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas. Relatório Final, 2005: 9).

Pode-se dizer que a juventude tem estado presente de um modo geral como uma categoria propícia

para simbolizar os dilemas da contemporaneidade, tanto para a opinião pública como no pensamento acadêmico. A década de 1990 revelou a presença de várias figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos de ações individuais e coletivas; sendo a maior parte dessas ações ligadas aos traços do individualismo, da fragmentação e à violência. Os jovens aparecem como a encarnação de todos os dilemas e dificuldades com que a sociedade tem se enfrentado (ABRAMO, 1997).

Durante os anos 1990, constatou-se que a juventude buscou outras formas de participação diferentes das mais tradicionais. Estas têm tido dificuldades de ser reconhecidas como efetivamente formas de participação política, e a sociedade procura apontar os jovens como desinteressados. Porém, a grande dificuldade vem da própria política em se diversificar diante das novas formas de expressão.

A partir do final dos anos 1990, a juventude começou a ganhar

uma considerável atenção, que vem aumentado em todos os espaços, inclusive no acadêmico. Segundo Abramo (1997), "só recentemente tem ganhado certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens em suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação". A autora ressalta a dificuldade que a maioria das abordagens em torno dos jovens encontra em considerar estes efetivamente como sujeitos,

as questões elencadas são sempre aquelas que constituem os jovens como problemas (para si próprios e para a sociedade) e nunca, ou quase nunca, questões enunciadas por eles, mesmo por que, regra geral, não há espaço comum de enunciação entre grupos juvenis e atores políticos. Nesse sentido, o foco central do debate concentra-se na denúncia dos direitos negados (a partir da ótica dos adultos), assim como a questão da participação só aparece pela constatação da ausência (ABRAMO, 1997: 28).

Um desafio que se apresenta, segundo Carrano (2000), é o de conseguir dialogar e também compartilhar os sentidos culturais das várias

redes sociais da juventude. Assim, para ele, analisando as práticas culturais e educativas dos jovens, podemos reconhecer que existem muitas juventudes e, com isso, caracterizar as diferentes “experiências, suas amplitudes, limitações e desafios socioculturais que se apresentam para a definição das políticas sociais” (CARRANO, 2000: 26).

Os jovens quase nunca são relacionados como sujeitos capazes dos processos de invenção e negociação de direitos. Para Abramo (1997), essa dificuldade está relacionada à formulação de direitos sociais na sociedade brasileira, ao modo como as diferenças sociais têm conseguido se transformar em alteridades políticas, ao modo como se processam a constituição de espaços de conflito e negociação política na sociedade brasileira e, de maneira mais geral, ao modo como a juventude tem sido tematizada na sociedade ocidental contemporânea.

Na opinião de Sposito (2000), observam-se dificuldades de compreensão da crise de participação estudantil presentes em alguns estudos. Para a autora, é necessário considerar que, paralelamente à ocorrência dessa lacuna teórica, foram criadas múltiplas representações sociais no senso comum, que constituíram um modelo de ação coletiva de jovens referenciado em práticas de participação clássicas, excluindo outras possibilidades de análise.

Os estudos atuais vêm se concentrando nos múltiplos aspectos das culturas juvenis, deixando uma lacuna nos estudos sobre a participação dos jovens na arena política, principalmente nos espaços mais tradicionais (BRENNER, 2011).

No Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira (SPOSITO, 2009) foram analisadas teses e dissertações das áreas de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social entre 1999 e 2006. Nos estudos sobre jovens e participação política

observou-se que não havia pesquisas sobre jovens em espaços considerados mais tradicionais de militância política, como partidos políticos e sindicatos, nem sobre jovens profissionais da política. Os analistas também concluíram que:

No entanto, se algo sobre as relações dos jovens com a política pode-se anunciar, a partir desse conjunto da produção discente, fica ainda muito obscura a distinção analítica entre a esfera da participação política nos sistemas institucionais, o campo político em senso estrito e as novas formas da ação coletiva no interior das teorias sobre os movimentos sociais e culturais. Essas práticas emergentes, ao serem estudadas, poderiam alargar a própria noção da política, como afirmamos na introdução, porque interrogariam sobre as possibilidades de construção coletiva de novos conflitos e de formação de dissensos no âmbito da experiência dos jovens brasileiros (SPOSITO, BRENNER e MORAES, 2009: 199).

Existem muitos pontos de partida sobre o debate dos sentidos do termo juventude, e Abramo (2005) chama a atenção para o que se foca nas condições e possibilidades da participação dos jovens na conservação ou transformação da sociedade,

como os jovens podem vir a interferir no destino do país e também nas questões singulares que os afetam, examinando seus valores, opiniões e a atuação social e política.

3. 'Primavera Carioca': questões de pesquisa

No Brasil, o debate sobre a democracia e a cidadania ganha centralidade a partir de 1985, depois da ditadura militar e com a construção da Constituição de 1988, chamada de Constituição Cidadã. O entusiasmo em relação à democratização trouxe a crença de que todos os problemas seriam resolvidos rapidamente, mas ainda convivemos com problemas centrais na nossa sociedade, tais como a violência urbana, o desemprego, o analfabetismo, os problemas como saneamento e falta de investimento na educação e saúde pública. Os problemas com as grandes desigualdades sociais e econômicas permanecem, e os mecanismos e agentes do

sistema democrático atual perdem a confiança dos cidadãos (Carvalho, 2013: 8).

Segundo Habermas (2000), a cidadania democrática para exercer a função integradora tem que ir além de uma simples condição jurídica, levantando diversas indagações sobre como é capaz de funcionar atualmente, em sociedades cada vez mais complexas e diversificadas.

O termo cidadania ganhou espaço na sociedade e é hoje utilizada em diferentes contextos e sentidos, muitas vezes evidenciando projetos de sociedade distintos, em alguns casos, apagando o seu sentido original e inovador. Dagnino (1994) destaca duas dimensões da emergência, principalmente após 1980, de uma nova noção de cidadania: a primeira, de que ela está ligada aos movimentos sociais e “à luta por direitos — tanto o direito à igualdade quanto o direito à diferença — constituiu a base fundamental para a emergência de uma nova noção de cidadania”. A se-

gunda dimensão é a que essa experiência agregou de forma ampla a construção da democracia, de sua política e teoria, especialmente após a crise do socialismo real (DAGNINO, 1994).

Dagnino (1994) aponta um terceiro elemento a ser considerado na noção de cidadania, ligado à noção de cultura e política, para a emergência de “sujeitos sociais de novo tipo e de direitos de novo tipo, a ampliação do espaço da política, essa é uma estratégia que reconhece e enfatiza o caráter intrínseco e constitutivo da transformação cultural para a construção democrática” (DAGNINO, 1994).

No início do milênio os movimentos sociais voltaram a ganhar atenção. A pesquisadora Maria da Glória Gohn (2013) observa quatro pontos relevantes nesse cenário: o primeiro ponto é a luta contra os efeitos da globalização e pela defesa das culturas locais, resgatando também o sentido das coisas públicas, espaços e

instituições; o segundo, é a reivindicação pela ética na política; o terceiro, é que estão conseguindo atuar em espaços que outras instituições, como partidos e sindicatos, têm mais dificuldades ou impossibilidades; e por último, a construção de um modelo de autonomia diferente daquele dos anos 1980, priorizando a cidadania, “construindo-a onde não existe, resgatando-a onde foi corrompida” (GOHN, 2013).

Com o aprofundamento das crises globais e, conseqüentemente, o aumento da pobreza e da exclusão social, os jovens foram os grandes prejudicados pela falta de perspectiva diante do futuro. Os jovens vêm buscando novas formas de responder a essas demandas, criando novos discursos, novas estratégias, novas formas de participação e práticas políticas. Podemos citar como exemplos a mobilização de estudantes no Chile em 2006 e 2011, além dos jovens desempregados que se mobilizaram na Espanha e em Portugal contra o de-

semprego, entre outros registros de mobilizações da juventude nos últimos anos.

O debate sobre democracia na sociedade brasileira na atualidade passa necessariamente pela análise da participação da juventude nas esferas e assuntos públicos. Nesse mesmo sentido, “sem dúvida, pensar os distintos significados da participação política para as juventudes pode representar um importante aporte para captar não só como reproduzem, mas principalmente, como constroem novas respostas a essa questão” (IBASE, 2005).

Nesse contexto, podemos fazer alguns questionamentos sobre a realidade carioca: Em que sentido o movimento da “Primavera Carioca” nas eleições de 2012 representou a emergência de novos sentidos, práticas e discursos em torno da cidadania entre os jovens? Até que ponto esse movimento representou rupturas e continuidades com as tradicionais formas de participação política juvenil e a de

outros momentos históricos? Pode-se afirmar que o processo protagonizado por esses jovens faz parte de uma "euforia" transitória provocada pelas eleições ou o aprofundamento de um "novo repertório" e modo de ação política? As novas tecnologias utilizadas para mobilizar, divulgar e debater durante a campanha nos trazem elementos para uma possível reconfiguração na maneira de fazer política?

O envolvimento dos jovens em processos institucionais — como no caso da Primavera Carioca — nos traz novos elementos a serem considerados em análises que sustentam uma suposta "despolitização" e descrédito desses sujeitos diante das formas de institucionalidade tradicionais. A participação política da juventude na atualidade ocorre de diferentes formas e, de certo modo, a chamada "Primavera Carioca" confluuiu diferentes redes de jovens por um debate e projeto de cidade.

4. Considerações finais

A partir das leituras em torno desse debate, podemos perceber a predominância, na contemporaneidade, de formas diferentes de engajamento político dos jovens, com a crescente participação nos meios culturais, movimento negro, feminista, diversidade sexual, dentre outros, como forma de inovação política. "Impossível desconhecer que em cada tempo e lugar são muitas as juventudes e entre elas sempre há territórios de resistência por força da criatividade (...). A política pode ser renovada por meio de outras linguagens, por novos valores e formas de participação" (NOVAES e VANNUCHI, 2004: 11-12).

Pensar hoje a juventude é pensar em questões como educação, desemprego, saúde, raça, etnia, gênero, cultura, lazer, entre outros temas. Estes debates abordam questões fundamentais para o desenvolvimento e a transformação do país, tornando-se

assim fundamental pensar na juventude em todas as esferas. Nos últimos anos, esse tema tem ganhado mais visibilidade em vários setores sociais, gerando mais questionamentos sobre seus significados.

O engajamento de jovens na campanha eleitoral de 2012— nos traz novos elementos a serem considerados em análises que sustentam uma suposta “despolitização” e descrédito desses sujeitos frente às formas de participação ligadas a institucionalidade tradicionais. Nesse sentido, desconstruindo teses tão propagada pelo senso comum e pela mídia sobre despolitização juvenil, é importante deixar claro que a juventude é uma categoria que não é unânime homogênea; os jovens que participaram da “Primavera Carioca” são parte de uma juventude específica, dentre tantas juventudes, e esse fenômeno deve ser estudado em toda sua com-

plexidade para nos ajudar a compreender algumas rupturas e continuidades da participação política juvenil na atualidade, contribuindo para o atual debate em torno do tema da juventude e da participação política.

Atualmente, existe um emergente campo para pesquisas com o objetivo de compreender a amplitude e as especificidades da atuação e participação política dos jovens. É fundamental articular essas questões em torno da participação da juventude com a análise do Estado e suas instituições, as dimensões políticas dessa participação na esfera pública e como os jovens vêm mobilizando novos sentidos e discursos.

A juventude tem ocupado nos últimos anos posição de destaque nas políticas governamentais, e a sua participação nos espaços e assuntos públicos se coloca como um desafio à sociedade brasileira.

5. Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena W. Cenas juvenis. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In FREITAS, Maria Virginia de (Org.). Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. Ação Educativa, São Paulo: 2005.

_____. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/ Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, RJ: Anped, n.5/6, mai./jun./jul./ago./set./out./nov/ dez 1997, p.37-52.

_____ e VENTURI, G. Juventude, política e cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Revista Teoria e Debate, n.45, jul./ago./set. 2000.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRENNER, Ana Karina. Militância de jovens em partidos políticos: um estudo de caso com universitários. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 16a ed., 2013.

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y juventud, Manizales, v.7, n.1, jan. 2009.

DAGNINO, Evelina. Anos 90 – Política e sociedade no Brasil. São Paulo: Editora Brasileira, 1994.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 6a ed., 2013.

HABERMAS, Jürgen. Realizações e limites do Estado Nacional europeu. In BAKRISHNAN, Gopal. (Org.) Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS e INSTITUTO PÓLIS. Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas. Rio de Janeiro: Ibase, 2005 (Relatório Final de Pesquisa).

LECHNER, Norbert. Los patios interiores de la democracia. Santiago: Fondo de Cultura, 1990.

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (Orgs.). Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

RIBEIRO, Renato Jaime. Política e Juventude: O que fica da energia. In NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (Orgs.). Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANI, Giacomo. Participação Política. In BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Tradução de Carmem C. Varriale; Coordenador da tradução João Ferreira; Revisão geral João Ferreira e Luís Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 12a ed., 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, SP: Anped, n.13, jan./fev./mar./abr. 2000, p.73- 94.

_____. Estudos sobre juventude em educação. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, RJ: Anped, n.5/6, mai./ jun./ jul./ ago./ set./ out./ nov./ dez. 1997, p.37-52.en
el
2001)